

PARA TRAVAR A "CAÇA" AOS ALBINOS

Malawi proíbe curandeirismo

FEITICEIROS, adivinhos, magos e curandeiros tradicionais foram proibidos de praticar no Malawi pelo Supremo Tribunal, numa acção para tentar pôr fim à onda de ataques contra os albinos no país, que são assassinados e mutilados para utilizar partes do seu corpo em poções e rituais, informou na quinta-feira (02) a Imprensa local.

O Supremo emitiu a decisão depois que um grupo de defesa dos direitos dos albinos apresentou um requerimento perante o crescente do número de ataques em Malawi, onde 18 albinos foram assassinados desde o ano passado.

"Todos os curandeiros tradicionais, feiticeiros, fabricantes e vendedores de amuletos, magos e adivinhos ficam proibidos de exercer no país", lê-se numa

decisão do Supremo Tribunal de Mzuzu, centro-norte do país, assinada pelo juiz Dingiswayo Madise.

Além disso, ordenou aos meios de comunicação social locais que eliminem qualquer tipo de publicidade na qual se ofereçam serviços de bruxaria.

Com uma extensa fronteira com Moçambique, Malawi - que continua muito arraigada a crença de que partes de albinos têm poderes mágicos - viveu recentemente vários protestos em apoio à comunidade albina, que nos últimos meses sofreu um grande número de ataques.

O último deles ocorreu na semana passada, quando foi encontrado o corpo de um homem albino com as extremidades mutiladas.

Outro caso comoveu a população em Abril passado, quando



Vítima de crenças obscurantistas

acharam o crânio, os dentes e a roupa de uma menina albina de dois anos que foi sequestrada enquanto dormia com a sua mãe, na cidade de Chiziya, no centro do país.

Apesar das penas internacionais contra estes assassinatos e as promessas das autoridades nacionais de intensificar a proteção à comunidade albina, os ataques continuam a amedrontar os cerca de 10 mil albinos que vivem no Malawi.

A ONU advertiu no ano passado que os ataques e assassinatos de albinos tinham aumentado em vários países africanos, onde as pessoas que sofrem esse transtorno genético vivem cada vez mais no terror, evitam sair das suas casas e as crianças se veem forçadas a abandonar a escola. - LUSA/G1